



Trabalhos Científicos

Título: Atualizações Acerca Da Doença De Haff No Ceará E Sua Evolução Em Pacientes Pediátricos: O Que Se Sabe Até Agora Da “Doença Da Urina Preta”.

Autores: CAMYLLA SANTOS DE SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ); CAROLINE SBARDELLOTTO CAGLIARI (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL); PATRÍCIA PAMPURI LOPES PERES (UNIVERSIDADE CIDADE SÃO PAULO); HELENA GRACIELLI DE CARVALHO ALMEIDA (UNIFOR); AMANDA SANTOS RODRIGUES (UNICHRITUS); ANA ELOÍSA MELO NOVAES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE); YNGRID SOUZA LUZ (INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS); VITÓRIA MIKAELLY DA SILVA GOMES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS); MAYLE GOMES FERREIRA DE ARAÚJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS); ISABELA CORRÊA CAVALCANTI SÁ (UNIFOR); GIULIO BERTOLLO ALEXANDRINO (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL); LUCAS LOIOLA PONTE ALBUQUERQUE RIBEIRO (UNIFOR); ALESSANDRA JUNG STRAUB (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL); PATRICIA KARLINE ROJAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ); JOÃO DAVID DE SOUZA NETO (HOSPITAL DE MESSEJANA DR. CARLOS ALBERTO STUDART GOMES)

Resumo: INTRODUÇÃO: A Doença de Haff (DH) caracteriza-se por rigidez muscular súbita severa, acompanhada de urina escura. Apesar da breve recuperação, há na literatura relatos de falência de múltiplos órgãos como complicação da afecção. Ganhou destaque na mídia recentemente, quando foram notificados inúmeros casos no Nordeste de “misteriosa doença da urina preta”. OBJETIVOS: Trazer as últimas informações sobre DH e sua evolução em pacientes pediátricos. MÉTODOS: Revisão de literatura nos bancos PUBMED, MEDLINE e SCIELO, de JAN/2012-JUL/2017. RESULTADOS: De DEZ/2016-FEV/2017, registraram-se 52 casos na Bahia, dos quais 44 consumiram peixe (olho de boi e badejo) antes do surto. Em 2007, já havia sido notificada a “doença da urina preta” em 27 pessoas no Amazonas. No Ceará, em 2017, notificaram-se 16 suspeitas de DH, classificadas como ‘mialgia aguda a esclarecer’ (58,3% homens e 41,7% mulheres). Apresentavam dores intensas de início súbito na cervical, membros inferiores e superiores; alterações na tonalidade da urina; e elevações importantes de creatinofosfoquinase, mioglobínúria e marcadores hepáticos, sem febre, cefaleia, artralgia ou exantema. Diagnóstico laboratorial diferencial de leptospirose, dengue e hepatite foi negativo. Apesar de poucos casos em crianças, a DH deve ser preocupação entre pediatras pelos sintomas nem sempre serem detectados, com quadro clínico variando de assintomático a risco de vida devido ao elevado nível das enzimas. O tratamento visa combater sintomas e prevenir complicações com analgésicos e anti-inflamatórios. Entretanto, a principal preocupação é prevenir e tratar insuficiência renal aguda (IRA), mioglobínúria e diminuir os efeitos nefrotóxicos com diuréticos. Em casos graves (IRA, hipercalemia e acidose metabólica refratária), indica-se diálise. Recupera-se a função renal na maioria dos casos e a lesão muscular é autolimitada em dias ou semanas, possuindo bom prognóstico. CONCLUSÃO: A DH não é completamente descrita pela literatura. Na pediatria, a clínica varia. Devido à raridade, percebe-se a necessidade de novos estudos para elucidar essa afecção.